

RESENHA

Tramas etnográficas encarnadas da pesquisa em prisões

Vanessa Sander¹

1. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). <https://orcid.org/0000-0002-7484-8333>. vanessasander@gmail.com

NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo. 2022. **Travestilidades aprisionadas: narrativas de experiências de travestis em cumprimento de pena no Ceará**. São Paulo: Editora Dialética, 204p.

A leitura desse livro, originalmente dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, é proveitosa não apenas para aqueles que se interessam pelas relações de coprodução entre gênero e sistema prisional, mas também para os estudiosos interessados em debates sobre a posicionalidade da pesquisa etnográfica. Ao descrever e analisar as experiências de travestis em cumprimento de pena no Estado do Ceará, Francisco Elionardo Nascimento promove uma fina discussão metodológica sobre a produção de conhecimentos situados a partir do sistema prisional.

Esta é uma etnografia desdobrada desde três eixos analíticos/metodológicos. O primeiro resulta de uma primorosa pesquisa bibliográfica, que desenvolve um estado da arte da sociologia prisional, articulado a formulações advindas dos estudos de gênero. O segundo parte de investigação documental dos trâmites e papéis envolvidos na execução penal de travestis e transexuais, tais como processos judiciais, resoluções, normativas e prontuários. Por fim, o terceiro explora a pesquisa etnográfica de campo, realizada em três unidades

distintas do sistema prisional cearense marcadas pela presença de travestis. Tais instituições são acessadas a partir da experiência profissional do autor como policial penal durante três anos. Além disso, o trabalho de campo percorre espaços etnografados fora dos limites físicos da unidade prisional: nas ruas, nos bairros e nas casas de suas interlocutoras. Esse trânsito revela uma concepção da prisão não simplesmente como uma instituição total nos moldes goffmanianos de microcosmo encerrado, mas de aparato estatal poroso que faz circular pessoas, discursos e objetos de maneiras múltiplas e difusas (GODOI, 2017).

Os três eixos articulados nessa etnografia multi-situada (MARCUS, 1995) produzem descrições e análises densas sobre o aprisionamento de travestis em temporalidades e espacialidades distintas. Distintas pois Nascimento evidencia, através dos diálogos que estabeleceu com visitantes, diretores, internos e internas das três unidades que percorreu, as transformações que o sistema prisional estadual passou a partir do crescimento e visibilidade das “facções criminosas” no Ceará. O autor destaca as rebeliões de maio de 2016, eventos marcados por disputas entre coletivos em conflito com a lei e o Estado, constituídos por episódios diários de violência letal e depredação de patrimônio público dentro e fora das prisões. As demonstrações de força desses grupos criminais foram também marcadas pela escolha de corpos matáveis dentre os presos, como aqueles não vinculados a coletivos prisionais, as travestis e os que mantinham relações sexual-afetivas com outros detentos. Nesse emaranhamento entre políticas prisionais e políticas prisioneiras, emergem processos de Estado que classificam e agrupam as travestis e transexuais como mais ou menos “perigosas” ou “vulneráveis”. Assim, Nascimento nos mostra como gênero e sexualidade operam como práticas discursivas no controle e vigilância do cumprimento de pena privativa de liberdade.

O movimento analítico deste livro propõe não apenas descrever o aprisionamento de travestis nas prisões cearenses, mas também ressaltar as estratégias de resistência e inventividade dessas pessoas no cárcere, analisar a gestão cotidiana das políticas públicas destinadas a populações específicas, e evidenciar as relações das travestis com funcionários e demais presos, faccionados ou não. Nesse sentido, o autor empreende um deslocamento profícuo da absorvente

literatura brasileira sobre segurança pública, hegemonicamente centrada no Rio de Janeiro e em São Paulo. Assim, as experiências das travestis encarceradas no Estado do Ceará fornecem mais do que o retrato de um contexto prisional local, e se convertem em material etnográfico privilegiado para compreender dinâmicas mais amplas do aparato punitivo estatal.

É importante ressaltar que é o lugar relacional que o autor ocupa na prisão o que propicia perspectiva tão ampla e original sobre o cotidiano prisional, que complexifica os sentidos e os ordenamentos dos grupos organizados de presos e também as relações interpessoais e atribuições dos agentes de segurança. Sofia Favero (2020) afirma que a escrita parcial do pesquisador e a explicitação de seus lócus enunciativo não deve incorrer em um posicionamento superficial e prematuro ao longo do texto. Isso significa que a agora corrente prática de declarar os fatores que compõem a identidade do investigador não é o bastante para que se instaure uma aliança ética no decorrer de um estudo.

A pesquisa de Nascimento se distancia justamente dessa apresentação burocrática de si e se lança em direção a uma postura tributária das epistemologias feministas: politicamente comprometida e dialógica com o campo. O autor examina como ocupar determinada posição profissional naquele contexto específico fez com que acessasse diversos níveis de gestão. Contudo, ele explora também as ambiguidades dessa posição privilegiada de acesso ao pouco transparente sistema prisional: os dilemas profissionais, as desconfianças, os limites da aproximação com os internos, a intensidade dos plantões e o testemunho de violências institucionais. A partir do seu complexo lugar relacional para com a prisão através do vínculo duplo de policial penal e pesquisador, Nascimento explicita a particularidade e a corporificação de toda visão etnográfica e os efeitos produzidos por sua posição peculiar no campo. A corporificação não significa a fixação de um lugar, mas a constante curiosidade a respeito das redes de posicionamento diferenciais do pesquisador. Dessa forma, seu trabalho não se apoia em uma visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. Sua perspectiva parcial promete a visão objetiva justamente porque trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. (CAVALCANTI & SANDER,

2019). Portanto, a grande potência da obra consiste na defesa da pesquisa em unidades prisionais enquanto prática necessariamente encarnada e de acessos contingentes. Somos assim levados a visualizar as múltiplas relacionalidades tecidas junto às travestilidades aprisionadas: relações mediadas por performatividades e imaginários generificados a partir dos corpos postos em relação pelo sistema prisional.

Referências

CAVALCANTI, Céu & SANDER, Vanessa. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. **Cadernos Pagu** (55), Campinas, 2019.

FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, vol. 15, nº3, São João Del Rei, 2020.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, 1995.

Recebido: 26/05/2023

Aceito: 31/05/2023